Templo do iluminismo

Dona da Adega Cartuxa, que foi criada em 1986, numa referência aos monges que habitavam o Alentejo, mais precisamente o Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli, construído próximo de 1600, a Fundação Eugénio de Almeida usa boa parte do faturamento com a venda de vinhos para promover quatro missões definidas por seu fundador, Vasco Maria Eugénio de Almeida, o conde de Vilalva: desenvolvimento econômico, social, cultural e espiritual. Não há hipótese de se abrir mão desses compromissos, diz a secretária-geral da instituição, Maria do Céu Ramos.

A sede da Fundação, por si só, merece um registro. O prédio, encravado no centro histórico de Évora, abrigou, na Idade Média, o Tribunal da Inquisição, comandado pela Igreja Católica, que mandou muita gente para a fogueira e perseguiu os judeus que moravam em Portugal. Expulsos do país, eles, em boa parte, migraram para Pernambuco, de onde um grupo partiu para os Estados Unidos e, mais à frente, fundaria o que é hoje a cidade de Nova York. Maria do Céu ressalta que o local abriga o Museu de Arte Contemporânea, um templo do iluminismo, em que não há espaço para o obscurantismo.

Além de garantir todo tipo de expressão artística — o museu recebe 19 mil visitantes por ano, boa parte, brasileiros —, a Fundação mantém forte proximidade com a comunidade, de forma a mitigar as desigualdades sociais que ainda perduram em Portugal. Todos os anos, são repassados 200 mil euros (R$ 1,1 milhão) à Caritas, uma entidade assistencial, para atender as necessidades dos mais pobres. Outros 150 mil euros (R$ 825 mil) vão para garantir bolsas de estudos em universidades a alunos carentes.

André Moreira, mediador cultural da Fundação Eugénio de Almeida

Jorge Marques/Especial para o Correio

Maria do Céu Ramos, secretária-geral da Fundação Eugénio de Almeida

Ciente dos problemas que esses estudantes enfrentam, a instituição avalia, neste momento, como ajudar os jovens com o pagamento de moradia. Os preços dos aluguéis dispararam. "De nada adianta terem a bolsa de estudos se não tiverem como garantir uma moradia digna. Habitação é o maior problema de Portugal", afirma Maria do Céu. Ela lembra que, na emergência, é preciso agir logo para conter os danos. Na pandemia do novo coronavírus, a Fundação liberou 1 milhão de euros (R$ 5,5 milhões) para o sustento da classe artística, sem distinção. "Tudo parou, muitos profissionais ficaram sem perspectivas", lembra.

Dignidade, sempre

O apoio se estendeu aos que, da noite para o dia, ficaram sem ter o que comer. Com tudo fechado pelo governo, a Fundação decidiu manter em pleno funcionamento a Enoteca Cartuxa, onde os turistas tomam uma garrafa de vinho Pêra-Manca por 315 euros (R$ 1.733). "Passamos a oferecer comida gratuitamente aos mais necessitados. Foram, em média, 200 refeições por dia. Não deixamos de trabalhar um dia sequer", ressalta Bruno Berenguer, 47 anos, chefe de sala da Enoteca. "Foi um trabalho espetacular, que contou com toda a equipe." A secretária-geral da Fundação complementa. "Na vulnerabilidade, é preciso que a dignidade das pessoas seja mantida". Não combater a fome é impensável para ela.

Passado esse período terrível, a Enoteca voltou a funcionar a pleno vapor para atender os apreciadores de vinhos, que, ressalte-se, fazem parte da cesta básica dos portugueses. Conseguir uma reserva no local requer disposição, até porque os 50 lugares são destinados a pessoas que realmente gostam da bebida. Como bem diz Berenguer, a Enoteca não é um local para apressados. "É uma casa de vinhos em que se pode comer algo, não um restaurante onde há algo para beber." Aqui vale um adendo: tudo no cardápio é bom, mas uma das entradas, as lascas de bacalhau com batata palha e ovo, misturados na frente do cliente, e, das sobremesas, o pudim de azeite com salada de laranja e azeitonas, são imperdíveis. São verdadeiras explosões de sabores dentro da boca.

Oferecer essas experiências aos turistas e, ao mesmo tempo, estender as mãos a quem precisa ampliam os desafios da Fundação, que completa 60 anos. No entender de Maria do Céu, ainda há muito a ser feito para que as missões dadas por Vasco Maria cumpram seus objetivos, como combater a pobreza econômica e a pobreza cultural. De volta ao tema habitação, ela lembra que, em 1958, o mecenas doou a 50 famílias de Évora 300 hectares de sua propriedade para que pudessem construir suas casas e plantar. Cada um ganhou um lote. Foi um precursor da reforma agrária.

Monges e suas histórias

O mediador cultural André Moreira, tem, na ponta da língua, toda a história de Évora, do passado e do presente. E não economiza quando o assunto são os monges cartuxos, que, por séculos, se abrigaram no Alentejo. A ordem da Cartuxa foi fundada há 920 anos por São Bruno, que, desiludido com a riqueza e o excesso de vaidade no mundo, abrigou-se, com um grupo de eremitas, no maciço de Chartreuse, nos Alpes franceses, para uma vida de silêncio e contemplação. Essa ordem, a mais reclusa da Igreja, chegou a Portugal em 1587.

Seis anos depois, os monges deram início à construção do mosteiro de Santa Maria Scala Coeli, com 20 celas. Eles viveram no local até 1834, quando o liberalismo adotado pelo país extinguiu as ordens religiosas. Em 1960, sete deles regressaram para território luso para fundar a nova ordem Cartuxa, com o apoio de Vasco Maria, que havia comprado as ruínas do mosteiro. Os últimos monges viveram no local até 2019.

Hoje, o mosteiro é um dos centros de produção dos vinhos da Adega Cartuxa e continua a mexer com a imaginação de quem passa por lá, nem que seja para provar uma taça da bebida que leva o nome da ordem religiosa, cujo lema é: "Stat Crux dum volvitur orbis", ou "O mundo gira, mas a Cruz permanece".